

Como vivem os portugueses em Cahora-Bassa

Songo: uma "ilha" cercada de terra

«O Songo é uma ilha cercada de terra por todos os lados, excepto por água.» A frase, dita a «O Jornal» pelo administrador português da Hidroeléctrica de Cahora-Bassa, Antunes da Silva, transmite um pouco da imagem de uma vila de 12 mil habitantes, antigo estaleiro, isolada no planalto de Tete. Uma vila onde os problemas humanos de muitos portugueses são, precisamente, o isolamento e... os divórcios conjugais.

Chego ao Songo depois de um percurso de 130 quilómetros por uma estrada isolada, vigiada por meia dúzia de posto de controlo de identificação.

Acompanha-me um camarada da Rádio, do emissor provincial de Tete, Bernardo Inácio, que já fez este percurso centenas de vezes.

Pelo caminho conta-me os nos ataques da «Resistência Nacional Moçambicana» na zona de Angónia, em Tete: uma carrinha queimada com mulheres e crianças lá dentro; mais uma aldeia incendiada...

«Mas está descansado que nesta estrada não apareçam bandidos» — diz-me, logo de seguida, ao ver a minha expressão de horror.

A chegada ao último posto de controlo (da Polícia, ao contrário dos restantes, das milícias populares), antes da subida para o planalto do Songo, três polícias pedem-nos boleia para a barragem. Entram no «pep» com as «Kalash» e o tiracolo e dizem «brigado» quando os largamos, lá no alto.

Visto de entrada

É preciso um visto para entrarmos no Songo. O Bernardo trata disso em poucos minutos.

Nas paredes da sede administrativa da vila, cartazes exortam a população à «vigilância». Um modelo de cartaz mostra uma lança a atravessar a cobra, com a legenda em língua local, nhungwê (língua materna de Tete), em letras azuis: «O povo esmagará os bandidos armados.»

Dentro das instalações da Hidroeléctrica está o mesmo cartaz, mas em português, e vis outro: «O boato é a arma inimiga. Abaixo os boateiros.»

A nossa volta ergue-se uma aldeia prefabricada, atravessada por um emaranhado de cabos de alta tensão, suspensos de dezenas e dezenas de torres, e cruzada por automóveis cor de cenoura com as inscrições HCB.

Em frente ao edifício da administração da empresa tornequetes regam um amplo e fresco relvado com flores.

Na estrada para o Songo tinhamos-nos cruzado com inúmeros leitos de rio secos e com escomposas de baldes de água à cabeça. Terra ressequida...

«Uma boa dose de abertura»

No edifício da HCB pedimos para falar com o «Sr» Braizinha, o chefe das relações públicas, que tarda.

José Manuel Braizinha é um português que vive há vários anos na zona do Songo. Assistiu à construção da barragem e ao crescimento da vila. Antes da independência alugava aviões, mas o negócio acabou por ir abaixo, com a fuga de um sócio e da maior parte da frota...

desse e viesse. Hoje é quadro da HCB, chefe das relações públicas, Relações públicas que não são muito amistosas no primeiro encontro com o repórter de «O Jornal» e o jornalista moçambicano.

«Hoje não é dia de visita. Só há visitas à segunda-feira. Lamento muito...»

Digo-lhe, enervado: «Não me interessa a barragem. Só quero falar com alguém sobre os problemas humanos do Songo.»

Braizinha: «De que jornal é? De «O Jornal»? Bom, vou ver o que se pode fazer...»

No gabinete do «Sr» Braizinha está um técnico português, recém-chegado ao Songo. «Apresento-lhes o dr. Carlos Perdigo — diz o chefe das relações públicas —, que acaba de chegar, para novo director-adjunto de pessoal.»

Braizinha sai do gabinete. O jovem, formado em Direito, desabafa comigo: «Disse que era de «O Jornal»? E o meu jornal preferido. Cheguei há três dias de Portugal e a última coisa que fiz foi uma assinatura de «O Jornal» para a morada que vou ter no Songo. É um contacto com Portugal... Sabe, tudo isto tem uma boa dose de aventura. Não pensei muito... Peguei em seis malas e vim por aí, com a mulher e um filho.»

Assaltado oito vezes

Carlos Perdigo trabalhava em Lisboa no gabinete de estudos do Ministério do Equipamento Social, onde era jurista. É novo. Não perdeu a oportunidade de ganhar mais dinheiro, de conhecer um país novo, outra gente.

Não dorme há três noites (desde que chegou a Maputo e partiu para o Songo)... Tem receio dos ataques da RNM e dos assaltos na vila.

Braizinha tinha-o acaalmado: «Ná... Não pense nisso. A «Resistência» não ataca aqui. E os assaltos, olhe não é nenhuma desgraça: a minha casa já foi assaltada oito vezes...»

Carlos Perdigo continua ceoso. Os novos colegas distraem-no para outros assuntos: «Ao fim-de-semana é fácil irmos ao Zimbabwe e ao Malawi. É perto, por estrada. E seguimos...»

Bom comida e conforto

A conversa tem lugar no bem apetrechado restaurante do centro social do Songo, onde acabamos por ir almoçar, à espera do encontro com os administradores da HCB.

No restaurante, mais barato para os trabalhadores da Hidroeléctrica (cada refeição fica a 150 meticals), há de tudo: boa comida, bem confeccionada, em abundância e variada; vinhos portugueses, refrigerantes moçambicanos. Os comentários têm decerto:

Nos terrenos à volta do restaurante, vemos um campo de ténis, uma piscina, relvados,



O «centro» do Songo. A maior barragem africana criou um oásis de bem-estar, mas o isolamento é problema

mesas de pingue-pongue, televisores com programas em circuito fechado (vídeos).

Depois do almoço falo com alguns portugueses que me dão conta de alguns dos seus problemas. Não são problemas de dinheiro, nem de alimentação: «Para quem vive aqui há algum tempo, isto é mesmo o fim do mundo... Sentimo-nos isolados de tudo.»

A «praga» dos adultérios

Ainda mais isoladas se sentem as mulheres dos trabalhadores da HCB, que, acompanhando os maridos para a «aventura» do Songo, passam a vida entre a casa e o centro social.

«E depois... aí está a «praga» dos adultérios.

«Parece que anda tudo com o «O» — diz-me um português preocupado com a situação: «Deixamos as nossas mulheres em casa e há sempre oportunistas que se aproveitam...»

Bernardo Inácio, o jornalista da Rádio Moçambique, confirma: «É, é, conta-se cada história de amores clandestinos. Tão histórias chegam a Tete. Fulano tal matou-se com a mulher de beltrano. Beltrano deu-lhe uma sova... Sicrano roubou a mulher ao amigo...»

Casais há que chegam ao Songo (aparentemente) muito unidos e saem separados. O meio e as circunstâncias facilitam...

Um português conta-me a «história» de outro português que já está a dar em maluco, só de andar «tanto» atrás das mulheres... Diz-me: «O tipo é de tal ordem que quando não consegue pôr-se numa portuguesa, vai a Tete ter com moçambicanas...»

Outro engana a mulher. Diz que trabalha no turno da noite e (o esperto) vai mais e (ter com outra lambisgória). Outro...

Aparentemente, o Songo é uma vila tranquila e harmoniosa, com casas prefabricadas dentro de pequenos jardins, ruas largas para bairros residenciais, onde brincam crianças, com paragens para os transportes colectivos.

A escola primária portuguesa já funciona. O supermercado dos trabalhadores da HCB funciona. A barragem funciona (a um terço das suas capacidades). (Quase) tudo funciona. Mas...

Hospital sem médico

Encontramo-nos numa grande sala do edifício da administração da HCB com o administrador português, dr. Antunes da Silva (representante, na empresa, do Banco de Fomento Nacional) e com o administrador moçambicano eng.º Vítor Lopes (por indicação do Estado e do Banco de Moçambique).

Antunes da Silva: «Estamos no interior de Moçambique, numa província de penetração no centro de África. As nossas preocupações humanas e sociais são de várias ordens: médicas, de segurança, de comunicações, de ensino, culturais, desportivas e de assistência.

Temos a possibilidade de suprir algum... as medições... com consultas em centros periféricos. As autoridades têm-nos permitido que utilizemos os nossos dois aviões nos acessos directos a Blantyre (Malawi) e a Harere (Zimbabwe). Temos ainda, como centro de recurso, Joanesburgo (África do Sul).

O hospital do Songo faz os primeiros rastreios. É um pequeno hospital que ficou da construção do empreendimento, naturalmente insuficientemente equipado. O hospital do Songo era para acidentes de trabalho e cuidados primários de doença. Para este hospital vai ser contratado brevemente, um médico português (nesta altura não tem nenhum médico) que fará os primeiros rastreios.

Por outro lado, a HCB tem uma farmácia com o formulário de base da Organização Mundial de Saúde.

«As pessoas divertem-se em pequenos grupos»

De saúde estamos felizes. Mas nem só de medicina vive o homem. A saúde mental é, talvez, mais importante numa vila isolada num planalto africano, onde as comunicações se fazem, geralmente, via rádio.

Como estamos de divertimentos, de distrações?

Fala o administrador moçambicano, eng.º Vítor Lopes: «As pessoas divertem-se em pequenos grupos. Não se esqueça que as pessoas que aqui estão são portuguesas: quando não têm dizem que precisam: quando têm não utilizam (o dr. Antunes da Silva esmoleca, com um movimento da cabeça, para cima e para baixo).»

Junho e o 25 de Junho (data de independência de Moçambique) — a réplica moçambicana à festa nacional portuguesa Organizamos, também, festas do Santo António e do São João. Usamos todos os pretextos para tentar juntar as pessoas.»

Antunes da Silva: «Sobretudo no domínio cultural, havia uma grande apatia. Temos tentado trazer cá grupos culturais de nomeada internacional. No campo desportivo é que isto se começa a agitar.»

Todos os anos, por ocasião do 10 e do 25 de Junho, a HCB faz publicar pequenas brochuras em «off-set», ou policopiadas, respectivamente com a evocação de Luís de Camões e dos poetas moçambicanos de combate, do tempo da luta de libertação.

Um dos homens que aparece sempre à frente destas actividades culturais é o sr Braizinha, que escreve os textos e diálogos e ainda faz de actor em pequenas peças de circunstância, levadas a palco no cine-teatro da vila, que não funciona como cinema.

Aumentam os roubos

«Oásis» de desenvolvimento e de bem-estar para as populações vizinhas, o Songo acaba por atrair, justificadamente, as atenções de quem, no interior do distrito, está sujeito à seca, à fome, à miséria.

Apesar da intensa vigilância na vila, gente esmoleada das redondezas consegue instalar-se, temporariamente, nos subúrbios do Songo, na mira de uma vida menos difícil, vivendo de expedientes.

Como a «Operação Produção», que se tem estendido aos principais centros urbanos de Moçambique, muitos dos «improdutivos» do Songo estão a ser, também, evacuados para zonas rurais do norte do país.

Acompanhando estas movimentações humanas, um fenómeno está a ocorrer no Songo: aumentam os roubos e assaltos, especialmente a despesas de residências de estrangeiros.

O administrador português da HCB, Antunes da Silva, confirma: «Uma localidade de 12 mil habitantes tinha de ter problemas. Há roubos, realmente. Aumentaram os roubos, mas esperamos que seja episódicos.»

Interrompe o administrador moçambicano, Vítor Lopes: «Tenho uma interpretação para esse fenómeno: a «Operação Produção»...»

«evacuadas roubam antes de saírem...»

Antunes da Silva: «Este problema da «Operação Produção» é um bocado traumatizante. E os traumas nos que têm de ser evacuados determinam certos comportamentos pontuais. Faço-me compreender?»

«Desordem não há»

Os roubos são, invariavelmente, de géneros alimentícios. Às vezes, em assaltos a moradias do Songo, «vai» algum dinheiro estrangeiro à mistura...

Este fenómeno não representa, no entanto, um factor de desestabilização na vila da barragem.

«Desordem não há — diz Antunes da Silva —. É um local muito disciplinado. É evidente que há sempre alguns problemas, mas não são significativos.»

Há quem diga que o isolamento e o desraizamento dos portugueses, no Songo, provoca um certo mal-estar interno.

O administrador português da HCB não concorda: «O trabalhador estrangeiro todos os anos tem direito a férias e a ser transportado, gratuitamente, ao seu país de origem. Todo o trabalhador português pode ir de férias a Portugal, todos os anos, a expensas da HCB. Se quiser ir passar férias no seu país, só tem de pagar, ele próprio, o excesso da passagem. Não há motivos para descontentamento.»

Admite, mesmo assim, o dr. Antunes da Silva que o isolamento em que se vive no Songo provoca comportamentos «curiosos» nos trabalhadores da HCB:

«Muitas vezes, a necessidade que as pessoas têm de ir curar as suas dores de dentes ao Zimbabwe, ou à África do Sul, é porque se sentem isoladas no Songo. Uma dor de dentes que em Portugal se aguenta três dias, aqui não se suporta mais do que um dia. O Songo é uma ilha cercada de terra por todos os lados, excepto por água.»

Abastecimento vem do porto da Beira

Passáramos um dia na ilha»

É já fim de tarde quando observo, de cima, esse gigante hidroeléctrico que é a barragem de Cahora-Bassa. Na albufeira a água parece pintada de verde brilhante.

Por todo o lado um dólar de torres de alta-tensão, de cabos, de condutas: um trabalho hercúleo para que hoje a maior barragem de África apenas fornece energia a um terço das suas capacidades, porque torres e cabos são continuamente sabotados nas províncias do centro do país.

É noite cerrada quando acabamos de jantar no restaurante do centro social da HCB. De regresso a Tete, cruzamo-nos, na estrada silenciosa e escura, com o comboio de camiões que, semanalmente, e com escolta militar, transporta contentores de alimentos para o Songo, desde o porto da Beira.

Imagino o que seria do Songo se, uma só vez, o comboio de abastecimento fosse saído do porto da RNM.

Bernardo Inácio volta a dizer-me: «Não tenhas medo, que os «bandidos» não andam nesta estrada.»